

Texto sobre "Os sacrilégios do amor", 2022

Shadia Cristina Affonso Jabur do Nascimento (curso de História, UEMG Passos)

Isabela Aparecida Silva (curso de História, UEMG Passos)

Amanda Rubinato Lima (curso de História, UEMG Passos)

Alexsandro de Sousa e Silva (orientador, UEMG Passos)

A peça *Os sacrilégios do amor*, dirigida por Carlos Ola, é encenada por quatro atores e três atrizes, sem contar os trabalhos de iluminação e som, do grupo Gota, Pó e Poeira, do Espírito Santo. Segundo Ola, o texto é uma adaptação do dramaturgo Ribamar Ribeiro de contos do Nelson Rodrigues, ícone da dramaturgia brasileira, com alguns monólogos elaborados por membros do coletivo. O espetáculo foi estreado e exibido virtualmente em 2021 em Guaçuí e depois em Vitória (ES); em Passos, foi a primeira encenação presencial. No 6o Festival Nacional de Teatro de Passos e região (2022), a obra venceu os prêmios de “Melhor espetáculo de palco” e “Melhor atriz coadjuvante” para Eliane Correia.

Anunciado como o “lado negro da vida”, o enredo trata sobre diversos casos de traição e jogos de sedução envolvendo casais, diálogos, trilhas musicais do começo do século XX e coreografias. A peça inicia-se com um homem, com cigarro, dando um breve depoimento sobre sua relação matrimonial. Nesse relato, o personagem enfatiza as virtudes de sua companheira, que segue todas as regras vomitadas sobre as mulheres: sua esposa é delicada, dedicada com o trabalho doméstico e com o seu “papel de esposa”, cuida muito bem dos filhos e do marido, e a definição final dada é de “perfeita”.

O personagem considera sua companheira o sinônimo de perfeição, cumprindo com maestria seus papéis na estrutura familiar, e mesmo assim não lhe é suficiente. O próximo relato do personagem é como, em suas horas vagas, ele busca seus prazeres, mas fora de casa. No contexto carnal, sua esposa dedicada, esforçada, que segue os padrões de beleza da sociedade, ou seja, perfeita, não cumpre as expectativas do marido, que busca fora de casa preencher essa lacuna.

Na sequência do monólogo, temos a participação de mais seis atores que discutem os sentimentos humanos. Os personagens se unem e começam a discutir sobre os sentimentos humanos que muitas vezes não são positivos. Discutem como a desgraça dos outros pode causar sentimento bons em nós mesmos e não notamos.

Durante o espetáculo é contado histórias de casais diferentes e como os sentimentos negativos estavam presentes em cada um deles, o moralismo, a inveja, o ciúmes, etc. Pois,

todos eles de alguma forma tentavam seguir os bons costumes da sociedade, porém, nem sempre os instintos humanos compactou com atitudes éticas e assim começa as histórias de traição entre os casais.

Logo, a peça retrata representações complexas, emocionais e significativas da experiência humana. Memórias sentimentais vividas, experiências, angústias, ciúmes, infidelidades, amor, remorsos, intrigas, decepções e traições. Esta diversidade de temas, ações e emoções contribui para a reflexão sobre as escolhas pessoais e a sociedade em que vivemos.

Desso modo, a peça reproduz e, ao expor, critica o comportamento masculino, incentivado desde o início de sua criação a procurar uma mulher que cumpra as demandas e dedicação exigidas pela sociedade. Ao final, eles acabam buscando em suas companheiras um papel doméstico, obediente e materno. Ao mesmo tempo, as mulheres são incentivadas a reproduzir esses comportamentos e a cumprirem essas expectativas, caso queiram ser dignas de respeito. Do contrário, tem-se a criação de estereótipos que indignam mulheres que escolhem viver sua sexualidade e suas próprias escolhas.

A peça faz uma denúncia a esses comportamentos, já que em alguns momentos acontece a reprodução de palavras que inferiorizam mulheres que não sigam as diretrizes exigidas, sendo taxadas de “puta”, “vagabunda” e “vigarista”. O grupo teatral chama à atenção ao criticar a sociedade moralista, onde a mesma julga e impõe regras comportamentais sendo que as pessoas que fazem parte dessa sociedade não a seguem. Os personagens julgam com muita facilidade os que estão ao seu lado e minutos depois fazem a mesma coisa, mas nas “escondidas” onde não podem ser vistos e julgados.

Entre esses aspectos notamos que os próprios personagens se tornam “juízes da moral”, visto que apontam quando alguém não está agindo da forma correta, por exemplo, ao longo da peça as personagens mulheres julgam umas as outras, porque não seguem uma ética e padrões considerados “femininos” e de “mulher de família”. Dessa forma, o grupo trabalha os sentimentos humanos e o ambiente em que vivemos, porque muitas vezes temos que deixar de lado vontades e desejos para seguir códigos morais definidos como certos.

Os figurinos da peça denunciam que a mesma “acontece” entre os anos 20 e anos 30 onde a moda para mulheres eram vestidos de tamanho midi, soltos, dando conforto e versatilidade para elas, enquanto os homens usavam paletós longos e calças de alfaiataria e chapéus. Na peça, cada personagem usa uma cor marcante como, por exemplo, a atriz que nas primeiras cenas foi chamada de “vagabunda” usava vestido vermelho. Os figurinos usados pelos atores denunciam também que todos ali viviam na alta sociedade, sendo ainda mais hipócritas e como dizemos acima, detentores da verdade e da moral.

Algumas cenas com poucos ou sem diálogos são elucidativas quanto ao significado da obra. Após as cenas iniciais, um jogo de cadeiras e falar aleatórias expõe um universo de falas repetidas ou incompreendidas; a determinado momento, começam a chorar e, depois, a rir alto. São imagens em movimento que compõem a narrativa como um todo. Em outro momento, um casal se beija ao centro, com atores e atrizes trocando outros entre si, inclusive entre homens e mulheres. Com expressões de sedução, indignação e desfaçatez, sintetiza o jogo de sentimentos que percorre as diferentes histórias. Das histórias com longos discursos, destacamos a história de Orestes, que provoca sua morte pela esposa Sueli (com menções a Freud), e a agonia, no asfalto, do homem apaixonado por Odaleia pois queria dela um palavrão, ao qual ela despeja ao público todo o “mau comportamento” oculto.

A obra destaca também com os jogos de luzes muito bem preparados em cada um dos personagens. O trabalho de iluminação e as mudanças sonoras em tempos minimamente cronometrados fez com que a trama fosse mais surpreendente, na mudança entre uma cena e outra. O destaque da luz para o ator em cena, algo tradicionalmente realizado no teatro, faz com que chame a atenção do espectador. Podemos aqui dar nossa parabenização à equipe por trás dessa engrenagem valiosa que é o jogo de som e iluminação durante o espetáculo.

Algo que chega a causar um certo incômodo a quem assiste à peça é a forma de ficar passando a mão nas mulheres, ou no seu próprio órgão como sinal de poder masculino. A denúncia muitas vezes pode resvalar nesses exageros. No entanto, a peça leva-nos a pensar sobre a questão de enfatizarmos a desgraça dos outros, esquecendo-nos das nossas próprias, expressando como é bom rir e falar do problema dos outros. Um comportamento tipicamente cínico, tal como as obras de Nelson Rodrigues costumam expor.